



abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

PROFUNDIDADE E REVOLUÇÃO: UMA LEITURA DE *AS RAÍZES DO ROMANTISMO* DE ISAIAH BERLIN

Tiago Leite Costa (PUC-Rio/FAMATH-RJ)

Resumo:

Isaiah Berlin dizia que, depois do Romantismo, passamos a identificar como típico das grandes obras de arte a capacidade de transmitir uma experiência estética “profunda”. A metáfora da profundidade remete a qualidades diferentes das que serviam de referência à concepção clássica de arte, tais como a “beleza”, a “universalidade” e a “perfeição”. Quando dizemos que uma obra é profunda, nunca sabemos ao certo explicar o motivo. Isso porque a ideia de profundidade indica algo irreduzível, inesgotável, impossível de ser plenamente definido.

O conceito de “profundidade” é um dos muitos exemplos de como os românticos romperam com o ideal clássico, para o qual havia uma resposta unificada e racional sobre os assuntos humanos. Devemos ao Romantismo a noção de que a pluralidade e a imperfeição são fontes valiosas de expressão que devem ser exploradas com plena liberdade pelos artistas.

O trabalho pretende comentar o conceito romântico de “profundidade”, tal como analisado por Isaiah Berlin no livro “*As raízes do Romantismo*”, a fim de discutir sua possível relevância para o debate atual sobre literatura e revolução. Qual é o significado da “profundidade” na gramática romântica? Em que sentido trata-se de uma concepção revolucionária? Como a ideia de profundidade pode alimentar uma concepção conservadora ou progressista da cultura? São perguntas que desejo debater com esse trabalho.

Palavras-chave: Romantismo; Isaiah Berlin; Revolução; Profundidade.

Em “*As raízes do Romantismo*”, Isaiah Berlin conduz o leitor a um passeio erudito, porém, agradável pelas origens e efeitos do movimento romântico na visão de mundo ocidental. O livro é uma transcrição adaptada de uma série de conferências realizadas em 1965 na National Gallery of Art – Washington como preparação para escrever um livro sobre o assunto que ele nunca chegou a concluir.

Nas palestras, o que Berlin propõe não é exatamente uma tentativa de definição do que é o Romantismo, mas muito mais uma descrição detalhada do que ele entende como o ataque e o estrago causado pela cultura romântica aos fundamentos de uma

tradição de mais dois mil anos. A tradição à qual ele se refere é a tradição ocidental que se inicia com Platão, tem continuidade com o cristianismo (se misturando à tradição hebraica) e chega a sua última estação no Iluminismo. Como Isaiah Berlin mistura fenômenos históricos aparentemente díspares no mesmo conceito de tradição ocidental?

Em linhas gerais, ele define essa tradição por meio de uma tese que sintetiza o cerne da visão de mundo ocidental, a saber: *virtude é sinônimo de conhecimento da realidade*. É claro que a natureza desse conhecimento varia. Essa variedade corresponde, justamente, a história das disputas entre filósofos, religiosos, cientistas e artista ligados às inúmeras escolas de pensamento ocidentais. Porém, não há dúvida de que a disputa se dá em torno de quem detém o verdadeiro conhecimento da realidade. Conhecimento que possibilita aos homens saber como agir e como melhor se ajustar ao mundo.

É necessário saber se esse conhecimento é o conhecimento de física, ou de psicologia, ou de teologia, ou algum tipo de conhecimento intuitivo, individual ou público, se está confinado aos especialistas ou pode ser conhecido por todos os homens. Quanto a todas essas coisas pode haver desacordo, exceto o fato de que existe tal conhecimento – essa é a base de toda a tradição ocidental, a qual foi atacada pelo Romantismo. É a visão de um quebra-cabeça cujas peças temos que encaixar, de um tesouro secreto que precisamos procurar. (BERLIN, 2013, p.180).

Em outras palavras, a lógica dessa tradição postula a submissão a um conjunto de dados que são tidos como evidentes e que guiam nossa relação com o mundo e com nós mesmos. A essência da ciência, da religião e da filosofia ocidentais prega o entendimento, a compreensão, a submissão à suposta natureza das coisas, a uma suposta lei que rege as coisas.

Pois bem, segundo Berlin, o que o Romantismo defende é exatamente o oposto dessa atitude. Esta inversão pode ser resumida em duas proposições que são bastante familiares. Não apenas porque são ideias que vêm sendo constantemente reformuladas por intelectuais de todos os matizes, mas porque hoje são concepções relativamente adaptadas ao senso comum ocidental.

A primeira proposição é a de que para muitos românticos não é o conhecimento dos valores, mas a criação de valores que importa. Ao invés da obediência a condutas previamente estabelecida, eles defendiam que cada um criasse sua própria versão da vida. No lugar da reprodução, adaptação, repetição, verificação externa – os românticos propunham a invenção como cerne da experiência humana.

A segunda proposição (diretamente ligada à primeira) é a de que não existe um modelo ao qual se adaptar. Tudo o que existe é fluxo e infinita autocriação de todas as coisas. O universo é processo, transformação perpétua, reinvenção. Perceber esse processo no mundo e em si mesmo é o que pode vir a libertar alguém.

Resumindo. Para os românticos não adianta tentar circunscrever a vida com fórmulas ou leis inalteráveis, porque onde quer que você tente dominar a vida, novos abismos ou janelas se abrem. Estabelecer um fundamento que tenha a pretensão de dar conta do sentido da vida seria meio como tomar sopa com garfo. Existe algo de inapreensível e inesgotável, que é impossível de ser circunscrito.

Esta seria, digamos assim, a crítica romântica à tradição fundacionista ocidental. Isto é, a crítica à ideia de que existe um fundamento organizador da vida e que cabe a nós tentar decifrá-lo.

Mas o que os românticos propunham como alternativa? Como fugir à lógica milenar da submissão a alguma regra que determina nosso acesso à realidade? Como negar, por exemplo, que nosso conhecimento do mundo é um acúmulo de dados pelo qual estamos decifrando cada vez mais o funcionamento das coisas? Ou ainda - se o leitor me permitir o salto - como negar o fundamento lógico e representacional da linguagem?

Houve algumas respostas. Entre elas, a revalorização do mito, do símbolo e da alegoria¹. Porque todos esses eram recursos da linguagem capazes de transmitir o aspecto inarticulável e incompleto da nossa interação com o mundo.

Para os românticos, existem coisas que só podem ser expressas de forma simbólica. Isso porque está implícito nos símbolos que ele se refere a algo que não pode ser completamente transmitido. Da mesma forma, a alegoria representa algo que tem significado próprio, mas que também significa outra coisa. Enfim, esse resto que símbolo, alegoria e mito não abarcam é, por hipótese, não enunciável.

O que esses meios de expressão fazem, portanto, é justamente transmitir algo inconsciente, infinito, inapreensível por meio material, limitado e consciente. Por exemplo: como você poderia explicar o sentido literal da bandeira de um país? Qual é o

¹ Uma curiosidade. No seu clássico *Origem do drama barroco (trágico) alemão*, Benjamin (2011) faz uma distinção nítida entre o uso do símbolo pelos românticos e da alegoria pela estética pós-romântica (Rimbaud, Mallarmé, Kafka, Joyce etc.); apontando na primeira o ideal da fusão entre sujeito e mundo e na segunda a exposição da assimetria entre eu x mundo. Berlin parece ignorar essa distinção e trata alegoria e símbolo como ferramentas relativamente próximas e afeitas aos propósitos românticos.

significado estrito de uma oração? Como resumir a infinita frase de Hamlet “Ser ou não ser, eis a questão?” a um mero sentido objetivo.

Evidentemente essas perguntas não têm uma resposta absoluta, lógica, definitiva. E é desse ponto que Berlin introduz o tema da *Profundidade* entre os românticos e que tratarei a partir de agora. A gente poderia começar reparando que, se os símbolos, mitos e alegorias são ferramentas alternativas para expressar algo, em princípio, não enunciável; a ideia de *Profundidade* é uma ferramenta que nos ajuda a ler e interpretar essa mensagem misteriosa.

Quando nós dizemos que um determinado livro, ou música ou quadro é *profundo* não fica muito claro o que nós queremos dizer com isso. Porém, está claro que você não quer dizer que aquela obra é *bela, harmônica, perfeita ou universal*. Justamente porque todos esses adjetivos pressupõe o reconhecimento de critérios de avaliação com os quais a obra estaria dialogando.

Porém, uma obra *profunda* trata de algo que não podemos traduzir em termos literais. Não posso explicar muito bem, de que forma, aquilo me afeta. Nem sei definir exatamente em relação a que fundamentos eu avalio a qualidade profunda daquela obra.

A *profundidade*, então, invoca a ideia de *irreduzibilidade*. A ideia de que sou obrigado a deixar reticências na minha descrição de determinada obra. De que por mais longe que eu vá na minha interpretação, sei que determinado assunto não pode ser esgotado. De que não existe uma fórmula ou fundamento capaz de abarcar todos os significados possíveis que determinado tema convoca.

Quando, por exemplo, Pascal faz sua famosa observação de que o coração tem suas razões, assim como a mente, quando Goethe diz que, por mais que tentemos, sempre haverá um elemento irreduzível de antropomorfismo em tudo o que fazemos e pensamos, as pessoas julgam essas observações profundas por esse motivo, porque quando as aplicamos a qualquer coisa, elas abrem novos panoramas, e esses panoramas são irreduzíveis, impossíveis de abranger, de descrever, de colecionar; não há nenhuma fórmula que nos leve, por dedução, a todos eles. Essa é a noção fundamental de profundidade nos românticos, e é com isso que se relaciona a maior parte de suas ideias sobre o finito representando o infinito, o material representando o imaterial, os mortos representando os vivos, o espaço representando o tempo, as palavras representando algo que é, em si mesmo, aquém ou além das palavras (...) (BERLIN, 2013, p.159).

Para Isaiah Berlin, a noção de *profundidade* está diretamente ligada à premissa romântica da ausência de uma estrutura das coisas, da ausência de um fundamento totalizador capaz de elucidar a experiência humana. Inclusive, esta talvez seja a melhor explicação para o tão comentado pluralismo de expressões e valores (às vezes

contraditórios) ligados ao romantismo. Ironicamente, portanto, o próprio romantismo não deveria ser definido de modo preciso.

Profundidade e Revolução

Para concluir, gostaria de sugerir uma breve discussão sobre as possíveis conexões entre os conceitos de profundidade e de revolução. Este foi o mote da apresentação no simpósio “Literatura e Revolução” da XV ABRALIC que deu origem ao texto.

Como o conceito de revolução talvez seja ainda mais polissêmico do que o de romantismo², é preciso circunscrevê-lo a alguma definição que nos sirva de referência. Seguindo a chamada do simpósio, optei pela definição de Friedrich Schlegel no famoso fragmento 216, no qual afirma que:

A Revolução Francesa, a *Doutrina da ciência*, de Fichte, e o *Meister* de Goethe, são as grandes tendências de nossa época. Quem quer que se ofenda com esta justaposição, quem quer que não leve a sério uma revolução se não for ruidosa e materialista ainda não atingiu uma perspectiva ampla e elevada da história da humanidade. Mesmo na desgastada história da nossa civilização, frequentemente semelhante a um conjunto de variantes acompanhadas de contínuos comentários cujo texto original se perdeu, muitos livrinhos que passaram quase despercebidos pela turba ruidosa da época têm um papel mais influente do que tudo que aquelas multidões fizeram. (SCHLEGEL, 1987, p.60).

Tendo em vista a definição Schlegel, creio que a concepção de profundidade romântica encerra uma atitude que poderíamos chamar de revolucionária. A *profundidade* é uma percepção capaz de penetrar sutilmente a cultura e transformar, ao

² Sobre a imbricação dos conceitos de revolução e romantismo é interessante observar a tipologia de Michael Lowy e o Robert Sayre no livro *Revolta e Melancolia* (2015), no qual definem as seguintes tendências políticas nas diversas manifestações românticas:

Romantismo:

- restitucionista
- conservador
- fascista
- resignado
- reformador
- revolucionário e/ou utópico

Entretanto, no romantismo revolucionário-utópico, eles destacam as distintas ramificações:

- jacobino-democrático
- populista
- socialista utópico-humanista
- libertário
- marxista

mesmo tempo, nosso olhar para a política, para a arte, para os valores, para os costumes etc. Agora, se essa concepção revolucionária é boa ou ruim, é discutível, claro.

Por exemplo. Em termos especificamente políticos, a ideia de que não existem leis externas a serem racionalmente reconhecidas, pode levar as pessoas a adotarem posturas tanto progressistas como reacionárias. O inapreensível mistério da vida pode servir de justificativa para reforçar o *status quo* tanto quanto para romper com ele, apostando em valores e estruturas sociais inéditas. Tudo vai depender do uso que você faz desse repertório.

Penso que, mobilizado como ferramenta crítica, o ideal romântico nos ajuda a perceber que é um erro acreditar que as instituições e as doutrinas são representações acuradas da *verdade*, do *real*, da *natureza humana* etc. De fato, todas as regras sociais e os respectivos discursos que lhes conferem legitimidade são criações dos seres humanos, em geral para benefício de alguns deles. Por isso, de tempos em tempos, devemos repensá-las para tentar promover liberdade e dignidade para o maior número de pessoas possíveis.

Como instrumento que instiga a dúvida, acho que concepções como a de *profundidade* podem servir como contraponto revolucionário a discursos que argumentam em nome da suposta *evidência*, *natureza* ou *realidade* das coisas para subjugar nossa liberdade, criatividade e manter uma visão de mundo hegemônica, homogênea e geralmente injusta.

Porém, quando a atitude romântica se leva muito a sério, quando se torna muito convicta das suas declarações, quando é usada como meio para fins messiânicos, tende a produzir a versão intolerante da *profundidade revolucionária*. É quando a crítica às instituições se torna profunda e fanática. Então, toda irredutibilidade, todo o infinito inarticulável passa a servir não como salvaguarda da tolerância e pluralidade, mas da autoafirmação paranoica (de um grupo ou indivíduo) e da destruição niilista de toda a diferença em nome de uma suposta liberdade ilimitada.

A boa herança do romantismo é o olhar ambivalente para o mundo. Que deve refletir no olhar ambivalente para o próprio romantismo.

Essa é a conclusão irônica de Isaiah Berlin: a de que os valores de tolerância e pluralismo são conseqüências que muitas vezes não estavam nos planos dos românticos mais fanáticos. “Ao mirarem uma coisa, eles produziram, felizmente para todos nós, quase exatamente o oposto” (BERLIN, 2013, p.217). Isso porque somos filhos de ambos os mundos (tanto o da tradição racionalista/iluminista quanto do romantismo).

Em diálogo, essas visões de mundo puderam e podem se enriquecer, se aperfeiçoar, se vigiar mutuamente e quem sabe produzir as melhores versões das revoluções - aquelas comprometidas em combater os dogmatismos de todos os tipos.

Referências:

- BERLIN, Isaiah. **As raízes do romantismo**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **A origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- DUARTE, Rodrigo. **O Belo autônomo - Textos clássicos de estética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- LOBO, Luiza (Org). **Teorias poéticas do Romantismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987.
- LOWY, Michael; SAYRE, Robert. **Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SCHLEGEL, Friedrich. *Fragmentos Atheneaum*. In: LOBO, L. (Org.) **Teorias poéticas do Romantismo**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1987.